

Construção social das escolhas e destinos escolares: mulheres negras da Licenciatura em Química do IFRJ-CDUC

Social construction of school choices and destinations: black women of the Chemistry degree of the IFRJ-CDUC

Stephany Petronilho Heidelmann
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro - Brasil

Vera Maria Ferrão Candau
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro - Brasil

Resumo

Levando em consideração a complexidade da trajetória formativa docente e sua influência na construção das identidades docentes, este trabalho propõe uma breve análise qualitativa do perfil de alunas e egressas negras do curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal do Rio de Janeiro – campus Duque de Caxias. Para tal, foi aplicado questionários semiestruturados e entrevistas, ambos online. Os resultados são apresentados articulando os dados obtidos com os conceitos de Pierre Bourdieu. Este estudo enfatiza de que forma a raça, gênero e classe se articulam para construir a escolha pela carreira e inserção profissional das participantes. Assim, as discussões deste estudo ressaltam como os mecanismos, condições sociais e influências ao longo da trajetória profissional são determinantes nas inserções possíveis das mulheres negras no campo acadêmico.

Palavras-chave: Ensino superior; Mulheres negras; Identidade docente

Abstract

Taking into consideration the complexity of the teaching training trajectory and the possibilities it brings in the construction of subjectivities and the identity of teachers, the present work proposes a brief qualitative analysis of the profile of black students and graduates of the Degree in Chemistry of the Instituto Federal do Rio de Janeiro – campus Duque de Caxias. Therefore, semi-structured questionnaires and interviews were done, both online. The results are presented by articulating the data obtained with Pierre Bourdieu's concepts. Through this study it was possible to observe how race, gender and class interact to construct the participants' career choice and professional insertion. This study highlights how mechanisms, social conditions and influences throughout the professional trajectory are determinant in the possible insertions of black women in the academic field.

Keywords: Higher education; Black women; Teacher identity

1. Introdução

Uma sociedade como a brasileira, ainda muito marcada por uma origem colonial, possui uma série de condicionantes sociais que produzem sucessos e fracassos no Ensino Superior. Assim, este artigo parte da constatação de uma grande quantidade de mulheres negras sendo formada pelo curso de Licenciatura em Química no Instituto Federal do Rio de Janeiro – campus Duque de Caxias (IFRJ-CDUC) (BALBINO et al., 2019), fato que se relaciona diretamente com o aumento gradual na proporção feminina em carreiras relacionadas às ciências biológicas e, de forma mais lenta, nas ciências exatas (NÓVOA, 2017). Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que a inserção feminina negra no Ensino Superior vem ocorrendo desequilibradamente entre os cursos, muito se relacionando aos papéis sociais atribuídos à cada gênero e raça ao longo da construção da sociedade brasileira, considerando-se as carreiras de menor prestígio social e remuneração (SILVA et al., 2015).

Por vezes, os mecanismos sociais que promovem e reforçam a naturalização das classificações e crenças da cultura ocidental branca, se encarregam de manter os grupos minoritários segregados e em posições inferiores nas dinâmicas entre/nas classes sociais, fragilizando suas construções identitárias e, por conseguinte, promovendo negações de raças e culturas fora da ideologia do branqueamento (GONZALEZ, 2011).

Assim, embora toda política expansionista do Ensino Superior nos últimos anos tenha sido pautada pelo maior acesso da população como um todo, é relevante refletir acerca dessa suposta ampliação de oportunidades e de que forma a trajetória profissional dos grupos minoritários vem ocorrendo. Portanto, este trabalho ao buscar uma caracterização sociocultural local, optou por unir mulheres pretas e pardas em uma única categoria de análise: negras. Propõe-se aqui, então, uma análise do perfil das mulheres negras do curso do IFRJ-CDUC e dos principais dispositivos mobilizados pelas participantes para o acesso, permanência e êxito na graduação e na vida profissional.

2. Breve panorama da inserção das mulheres negras no ensino superior

A partir da década de 90, com o aumento das instituições privadas de ensino e, nos anos seguintes, com a expansão do Ensino Superior nas Universidades Federais, muito tem sido debatido o sucesso e fracasso acadêmico em termos de análise de índices de matrículas, conclusões e dados socioeconômicos (SILVA et al., 2015). Entretanto, é fundamental que tais números sejam interpretados qualitativamente, e sirvam como motivadores para outras

problematizações que visem iluminar as minorias sociais e os mecanismos que têm contribuído para manutenção das hierarquias e exclusões.

Um estudo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, realizado em 2019, apresenta que a taxa de desistência acumulada dos alunos que ingressaram em todos os cursos de ensino superior no país entre os anos de 2010 e 2019 foi de 59,0%, já referente aos ingressos na formação de professores, o curso de Química ocupou a segunda maior porcentagem (66,0%), sendo superado somente pela docência em Física (INEP, 2020).

Tais dados apontam para a necessidade de entender melhor o baixo percentual dos alunos concluintes nos cursos de educação, uma vez que ao mesmo tempo que a educação pode representar um mecanismo para mobilidade social dos sujeitos, envolve questões de acesso e permanência dos diferentes grupos sociais, que podem se traduzir em desigualdades e reproduções da estratificação social (LIMA JÚNIOR et al., 2013). Cabe, então, o questionamento dos limites da política expansionista para promover a democratização da educação.

Iluminando as relações entre a origem social e os destinos educacionais, percebe-se que aqueles de classes privilegiadas são os que possuem mais anos de estudo e maiores possibilidades de progressão (hooks, 2013). Ou seja, por mais que a expansão tenha representado uma maior participação escolar, ainda é possível observar desigualdades de oportunidades associadas às classes de origem, principalmente a partir de 2000, onde há maior acesso ao Ensino Superior no país (BRITO, 2017).

Considerando a forma com que gênero, raça e classe se relacionam na construção de identidades no Ensino Superior, é possível observar numa mesma classe um acesso desigual também entre raças do mesmo gênero, o que amplia o distanciamento, por exemplo, das mulheres de baixa renda brancas das negras, que ocupam uma posição inferior nesta hierarquia e se beneficiam menos das vantagens dos avanços educacionais (BRITO, 2017).

O campo acadêmico, que possui estrutura e lógica de funcionamento autônoma em relação aos demais, pode ser entendido como um contexto relacional marcado por posições hierárquicas não necessariamente moldadas a partir do reconhecimento das produções. Este é marcado por lutas concorrenciais entre seus agentes, que buscam através do reconhecimento dos demais, acumular mecanismos de distinções e as mais diferentes formas de capitais, ou seja, disposições específicas mobilizadas pelos sujeitos para permanecer e

atuar em diferentes campos, se dividindo em econômico, cultural, simbólico e social (BOURDIEU, 2007).

Os diferentes volumes de capitais promovem diferenciações e legitimações, criando privilégios, violências, insucessos e não identificações, que se tornam determinantes na trajetória acadêmica dos alunos. Por diversas vezes, os agentes internalizam o que a sociedade tem como expectativa média para eles e isso acaba os desestimulando a ir além e competir por vagas fora dos preconceitos e estereótipos que pautam o mercado (ALMEIDA, 2019).

Assim, discursos ainda existentes baseados na ilusão da igualdade racial revelam o quão despreparados estão os ambientes educacionais brasileiros para lidar com as questões que colocam a meritocracia como norteadora da diferença, invisibilizando todas as nuances políticas, econômicas e psicológicas que permeiam a escolarização das mulheres negras e determinam muitos destinos sociais (BOURDIEU, 2007; ALMEIDA, 2019).

3. Metodologia

A presente pesquisa se deu com a aprovação do Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com o parecer 020/2020 – Protocolo 47/2020 em 11 de agosto de 2020.

Optou-se por uma análise qualitativa pela possibilidade de identificar nas trajetórias formativas, as concepções e os fatores ligados à subjetividade e às construções sociais, que transcendem dados quantitativos (DEVECHI; TREVISAN, 2010). As estratégias de coleta de dados foram elaboradas a partir de Valentim (2012), Silva et al. (2015) e Miceli (2016).

Inicialmente foi realizada uma aplicação de questionários semiestruturados online através do Formulário do Google.

A identificação do grupo de alunas e egressas aptas a responder se deu a partir de dados coletados diretamente na Secretaria de Graduação do IFRJ – campus Duque de Caxias- e dos dados do projeto de pesquisa realizado na instituição intitulado “A trajetória acadêmica do licenciando em Química do IFRJ-CDUC: mapeando vivências e construindo estratégias de permanência”.

Tem-se como grupo de referência neste estudo alunas cursando o sexto, sétimo e oitavo períodos em 2020.¹ e egressas do curso de Licenciatura em Química do IFRJ-CDUC, no período 2014-2019.

A tabulação das respostas do questionário semiestruturado foi feita automaticamente pela plataforma do Google, exportada como planilha no Microsoft Excel e, em seguida, organizada pela pesquisadora em uma única planilha para utilização da função Tabela Dinâmica do programa.

Os resultados apresentados nos momentos seguintes deste artigo, referentes aos questionários semiestruturados, correspondem ao grupo de nove alunas negras entre 20-24 anos (8), moradoras da Baixada Fluminense (8), sendo que a maioria no município de Duque de Caxias (7), solteiras (8), que cursaram o Ensino Fundamental majoritariamente em instituições particulares (5) e o Ensino Médio somente em instituições públicas (6). Já para as dezenove mulheres negras formadas entre 2014 e 2019 pelo curso de Licenciatura em Química do IFRJ-CDUC participantes, predomina as idades entre 25 e 29 anos (13). Além disso, são residentes de municípios da Baixada Fluminense (13), sendo nove delas de Duque de Caxias, solteiras (12), que cursaram a maior parte do Ensino Fundamental em instituições particulares (15) e o Ensino Médio também nesse tipo de instituições (16).

A identificação das participantes da etapa de entrevistas foi feita durante o mapeamento com o questionário, ao indagar o interesse das respondentes em fazer parte das entrevistas individuais. Tal etapa ocorreu utilizando a ferramenta Google Meets e o registro foi realizado através de gravações de áudio e vídeo, que foram posteriormente transcritas.

Do total de analisadas nos questionários, os resultados da etapa seguinte compreendem quinze entrevistadas do curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal do Rio de Janeiro – campus Duque de Caxias, sendo dez formadas e cinco alunas nos últimos períodos da graduação.

Para a construção reflexiva dos resultados da pesquisa, realizou-se uma leitura dos materiais coletados nas etapas desenvolvidas visando a percepção do conjunto e das particularidades do material, assim possibilitando a estruturação da análise.

As participantes foram identificadas utilizando-se o termo “Aluna” e “Formada”, ambos seguidos de nomes de mulheres negras com grandes contribuições à academia e sociedade. Todas as participantes desta pesquisa concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido previamente às etapas de coleta de dados.

4. Análise e discussão dos dados

Os principais resultados do estudo serão apresentados a seguir quanto o perfil, trajetória acadêmica e construção da identidade docente das participantes. Os títulos dos tópicos de discussão elencados emergiram a partir das falas das entrevistadas ao longo da coleta de dados. Ao longo da discussão alguns trechos das narrativas são apresentados para dar ênfase aos achados da pesquisa, mas ressalta-se a impossibilidade de contemplar todas as participantes considerando os limites de extensão deste manuscrito.

4.1 “Juntei o útil ao agradável”: a entrada no curso é uma escolha?

Conforme apontado por Bourdieu (2007), por vezes, no campo acadêmico atuam mecanismos que garantem seleções nem sempre diretas e objetivas ao longo da trajetória escolar e que tem pesos desiguais de acordo com as classes sociais e demais marcadores de origem dos indivíduos. Assim, foi observado que mais da metade das respondentes do questionário não cursou sua primeira escolha, ou seja, cinco das alunas em curso e quatorze das formadas almejavam outra graduação.

Em muitas respostas do questionário, tanto afirmativas, quanto negativas, o grupo de alunas e formadas que vinculou a escolha a proximidade da instituição às suas residências corresponde quase à metade das participantes (13). Retoma-se aqui então o perfil das mulheres negras analisadas e exposto anteriormente no texto, onde tem-se a maioria residente em Duque de Caxias ou outros municípios da Baixada Fluminense. Portanto, somando isto ao fato de que o curso de Licenciatura em Química é o único oferecido pelo IFRJ-CDUC, cabe questionar até que ponto realmente houve escolha dentro do que elas tinham como possibilidades, como pode ser visto no depoimento abaixo, retirado das entrevistas realizadas:

Então, eu gostava de Cálculo e na Pedagogia eu comecei a gostar da área de Licenciatura, né? Só que eu não queria trabalhar diretamente com educação infantil, então achei que meu público tinha que ser mais jovem, mais adolescente. E aí a Química foi também por essa questão do IF ser próximo à minha casa. Juntei o útil ao agradável, porque eu estava do lado de casa. (Formada Sueli Carneiro)

Então, quando eu saí do Ensino Médio, queria fazer algo voltado para a Química, primeiro pensei em Engenharia Química, aí falei “Nota de corte muito alta, não vai dar para mim”, aí eu fui para a Química Bacharel e aí escolhi Química Licenciatura, porque eu sempre tive vontade de dar aula, muito pela influência que eu tive dos meus professores. E o IF porque era próximo da minha casa. (Aluna Carla Akotirene)

Outro fator recorrente nas respostas do questionário a respeito da escolha do curso e

que pode ser observado na fala da Aluna Carla Akotirene, foi a impossibilidade mencionada por seis participantes de acessarem o que pretendiam por terem notas abaixo do necessário.

Percebe-se assim que a construção dos destinos escolares de tais mulheres é permeada por uma noção de escolha que no subjetivo está relacionada aos dispositivos articulados para tomada de decisão de acordo com suas expectativas e oportunidades possíveis, ambos condicionados ao seu capital cultural de origem e as chances de sucesso (BOURDIEU, 2007).

Cabe destacar também que, conforme o trecho apresentado da entrevista da Aluna Carla Akotirene, ela inicialmente afirma que o curso de Engenharia era o pretendido, entretanto, ao relatar que entrou para a Licenciatura em Química, ela menciona que sempre desejou dar aulas. Destaca-se, que diante daquilo que foi possível, justifica sua única possibilidade de acesso ao Ensino Superior valorizando-a positivamente.

Entendendo o gosto e as práticas culturais como condições específicas de socialização, a escolha de minorias pela formação docente comumente se dá pela baixa concorrência do curso quando comparado às demais graduações, tendo como um dos fatores comuns entre os estudantes, principalmente os em maior vulnerabilidade social, a vinculação da oportunidade à ascensão social e bons salários (LIMA JÚNIOR et al., 2013; BOURDIEU, 2007).

Assim, retoma-se aqui o que a construção social dos gostos e aptidões dentro do campo acadêmico, muitas vezes representa uma adaptação pela necessidade de se manter no campo, como pode ser visto a seguir (BOURDIEU, 2007; 2012):

Ai, nesse de ver se gostava ou não, eu acabei gostando, eu não tinha pretensão nenhuma, nenhuma mesmo, eu digo que eu fui conhecendo o curso e ao longo do curso eu fui gostando e fui me identificando. (Aluna Djamila Ribeiro)

Eu fui gostando muito das disciplinas e das discussões. Eu era muito tímida, muito tímida, e acabou que eu tive meio que me forçar por conta das matérias pedagógicas a falar mais e eu fui gostando disso, então acabou que eu fui ficando. (Formada bell hooks)

As falas acima demonstram que houve uma adequação das expectativas e pretensões profissionais das entrevistadas ao longo do curso e, ainda que haja um discurso que se pautar pela “escolha”, as desigualdades sociais foram determinantes para aquilo que poderiam vivenciar dentro de suas condições sociais, culturais e econômicas.

Trazendo aqui a ideia do racismo como estratégia de dominação e distribuição desigual de privilégios sociais, os dados apresentados reforçam que é fundamental que a análise ocorra para além da perspectiva individualista, considerando toda organização política e econômica que acaba naturalizando, institucionalizando e mantendo formas de legitimar exclusões de certos grupos, ou seja, a existência também do racismo estrutural e institucional. Assim, supostas escolhas e o acesso das mulheres negras participantes no curso, reiteram o que Moreira (2019) salienta como novas formas de dominação racial, que também se modificam ao longo do tempo para lidar com os questionamentos que vão surgindo.

Em outro momento da entrevista, ao indagar quais as opiniões as participantes tinham sobre a reserva de vagas nas instituições públicas para afrodescendentes, foi visto em cinco falas que, embora destaquem a importância da política para garantir o maior acesso das minorias ao Ensino Superior, tal ideia é uma construção recente, como em:

Quando eu entrei no IFRJ, eu não entrei por cota, eu entrei pela ampla concorrência. Mas porque na minha cabeça antes de entrar na faculdade era aquele negócio "Cota para negro está dizendo que eu não sou tão capaz quanto branco, não eu não vou usar cota vou passar pela ampla concorrência para provar que também consigo". Só que eu acho que é pensamento de senso comum que a gente tem muito e que isso me desconstruiu muito durante a graduação (...) Então, hoje a minha opinião sobre a cota é completamente diferente, acho super justo, acho até que é pouco o que fazem para ajudar, para tentar minimizar esses anos de negligência, mas no início eu realmente pensava que era um absurdo, eu achava que estava dizendo que eu não era tão capaz quanto os outros. (Formada Carolina de Jesus)

Retomando a discussão sobre a importância das instituições de ensino na construção da identidade dos sujeitos, a partir das vivências e relações estabelecidas ao longo da trajetória escolar, questiona-se, portanto, se houve um despreparo das escolas de Educação Básica de origem de tais mulheres em lidar com as questões raciais, uma vez que muitas não utilizaram a política para acesso e cinco delas verbalizaram que antes de acessarem o Ensino Superior, para elas, as cotas não eram uma política compensatória para reparação de anos de discriminação e prejuízos ao exercício da cidadania (MUNANGA, 2001), mas sim uma forma de comprometer o orgulho e a dignidade das minorias.

Além disso, cabe iluminar a perspectiva meritocrática na fala da Formada Carolina Maria de Jesus que inicialmente era contra o acesso do Ensino Superior pelas cotas. A esse respeito, conforme Almeida (2019, p. 32), entende-se a discriminação como uma “atribuição

de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados”. Assim, há duas formas de discriminação: 1) negativa, que culmina em prejuízos aos grupos e; 2) positiva, onde se diferencia com o objetivo de iluminar as desvantagens daqueles que foram historicamente discriminados e corrigi-las, como na política de cotas (ALMEIDA, 2019).

Considerando o caráter sistêmico do racismo, que supera as discriminações pontuais e que se relaciona com a localização de alguns grupos raciais em situações de subalternidade e de outros em privilégios, o tratamento das questões com base na meritocracia reforça o sofrimento individual das pessoas negras que não conseguem se enquadrar em tal lógica em decorrência de uma série de questões do racismo estrutural em suas construções sociais (ALMEIDA, 2019).

A lógica meritocrática no Brasil nega o racismo e invisibiliza as desigualdades e violências, criando uma equivocada ideologia de igualdade entre raças, culpabilizando as minorias pelo fracasso, legitimando os mecanismos institucionais de seleção e os de comunicação, que reforçam a imagem dos padrões de cultura e estética nos cargos e posições de prestígio voltados para a branquitude masculina, cis e heteronormativa (ALMEIDA, 2019; BOURDIEU, 2007).

Assim, critica-se aqui também a suposta democratização do acesso ao Ensino Superior, uma vez que as condições de almejo e construção do sucesso acadêmico, ainda que sem calcular de forma consciente os lucros envolvidos nas ações tomadas, estão embricadas nos ajustes de possibilidades naturalizadas e orientadas pelo meio social (BOURDIEU, 2007; NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2015). Acrescenta-se a isso ainda o que hooks (2013) critica como o modismo de falar de democratização racial e avanço de fronteiras, quando na verdade não há ou são ínfimas as modificações das posições estruturais, produzindo violências simbólicas e legitimando as desigualdades entre os grupos (BOURDIEU, 2007).

4.2 “(...) Não é ficar aqui nesse mundinho não, tem que crescer!”: possibilidades objetivas do meio social

Sabendo que é fundamental analisar de que forma as vivências familiares não só constituem as esperanças subjetivas e as condições objetivas de inserção no campo acadêmico, como também mobilizam dispositivos para a permanência e aquisição de capital cultural escolar, foi verificado o nível de escolaridade dos pais e mães das vinte e oito respondentes ao questionário. Os dados obtidos permitem afirmar que a maior parte dos pais

e mães das participantes encerraram os estudos após a conclusão do Ensino Médio, ou seja, frequentemente a escolaridade das mulheres negras da pesquisa supera as de suas famílias. Em muitos casos, ao longo das entrevistadas as participantes relataram inclusive serem as primeiras a se inserirem em tal modalidade escolar, como quando descreveram as reações de suas famílias ao saber da aprovação para o curso:

Quando cheguei em casa, era o horário do almoço, então meu pai estava sentado almoçando assim na sala e eu cheguei já batucando no portão muito forte e gritando "Abre o portão, abre o portão!" e aí abriram, eu entrei e comecei a gritar "Eu passei! Eu passei!". Meu pai estava comendo, ele engasgou, a cadeira caiu no chão e ele levantou chorando. Foi muito épico, ele gritava "Eu não acredito, eu não acredito!". Aí eu falei "Eu passei". E ele "Minha filha, minha filha!" e minha mãe pulando do lado. Porque eu fui a primeira pessoa tanto por parte de mãe, quanto por parte de pai, a passar para uma instituição federal pública (...) Para mim foi algo do tipo "Eu vou conseguir algo melhor, eu vou poder ter coisas e dar coisas aos meus filhos que os meus pais não tiveram condições de dar, eu vou conhecer pessoas de outros níveis e de outras classes que eu nunca imaginaria conhecer se de repente eu não fosse para o nível superior". (Formada Conceição Evaristo)

A maioria das mulheres negras participantes dessa pesquisa têm seu capital cultural familiar herdado de parentes com escolaridades inferiores às suas e em ocupações de baixa qualificação escolar, como dona de casa, diarista, motorista, vendedor, entre outras. Ou seja, o sistema de valores e disposições que constituem seu *habitus* ao entrar no Ensino Superior e capital cultural incorporado é herdado de sujeitos que em sua maioria não acessaram o mesmo nível educacional que elas e tão pouco podem contar em passar adiante vantagens escolares a partir de suas experiências diretas nessa etapa (BOURDIEU, 2012).

É importante ressaltar também a importância do IFRJ-CDUC em ofertar tal curso que vem promovendo a ascensão desses grupos que até então estavam distantes do Ensino Superior, que subvertem a lógica social que vem sendo imposta para suas famílias até então.

Na fala da Formada Conceição Evaristo, é possível notar ainda as expectativas de ascensão social e êxito que tinha a respeito da graduação, ou seja, as esperanças subjetivas reforçadas pelas oportunidades objetivas aprendidas e interiorizadas ao longo de sua trajetória formativas (Bourdieu, 2007). Assim, para os filhos de pais menos escolarizados, tal entrada em um novo contexto relacional, muitas vezes representa um distanciamento de sua cultura originária e um esforço para adequação e incorporação de uma nova (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2015).

Ainda sobre a influência das experiências familiares, foram feitos dois questionamentos sobre a temática em momentos distintos do questionário, indagando se as vinte e oito participantes desta etapa haviam sido influenciadas por suas famílias a escolher a graduação cursada e outro se possuíam algum familiar na área do magistério/educação. Os dados obtidos demonstraram que, embora onze respondentes tenham afirmado não terem tido qualquer influência familiar na escolha pela área educacional, elas possuem parentes trabalhando no magistério/educação, o que pode ter influenciado suas escolhas ainda que no campo subjetivo das construções sociais.

Reforça-se neste ponto, que, por vezes, as experiências exitosas de pessoas próximas contribuem, ainda que inconscientemente, para delimitar as possibilidades objetivas do seu meio social, aquilo que é o provável de se conquistar a partir do que se tem como razoável, considerando a influência do meio e configurando a subjetividade das escolhas e expectativas (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2015). Isto pôde ser visto também através de oito entrevistadas que relataram que a entrada no Ensino Superior representou para a família e alguns amigos próximos visualizarem tal nível escolar como uma possibilidade.

Discute-se aqui ainda a representatividade da mulher negra ao se inserir em ambientes onde o racismo estrutural prevalece e se reforça pela ausência de outros negros, cabendo então aos incluídos representar todos aqueles que ainda estão excluídos desse espaço (KILOMBA, 2013). Neste sentido, muitas famílias e amigos próximos passam a ver na graduação uma possibilidade de ascensão social, condicionando suas atitudes e tendo como fator determinante aquilo que visualizam como o futuro objetivo e reforçado pelo contato com os pares, o que na verdade são as práticas e oportunidades socialmente aprendidas e interiorizadas dentro das relações estabelecidas no campo, excluindo o desejo pelo “impossível” (BOURDIEU, 2007).

Voltando a análise para as questões familiares, retomamos aos dados sobre as profissões das maiorias dos responsáveis das participantes para refletir sobre seus contextos de classe e dialogar com uma predominância no perfil das mulheres negras participantes dessa pesquisa: a trajetória acadêmica delas até a entrada no Ensino Superior se deu majoritariamente em instituições particulares.

Segundo Góis (2008), a expansão do setor privado nos últimos anos se associou à crise do sistema público de educação, julgado por muitos como precário em termos de condições

de ofertar um bom ensino. Isso, juntamente com a desvalorização do professor, culminou na percepção que o setor privado tem maiores possibilidades de oferecer um ensino de qualidade nos níveis Fundamental e Médio, o que não se configura na mesma percepção ao que tange a modalidade Superior. Portanto, percebe-se que quanto mais atrelada ao êxito e reconhecimento social está a educação e aquisição de capital cultural, maior será o investimento de esforços das famílias.

Nesse mesmo sentido, analisa-se o fato que treze das vinte e oito participantes que responderam aos questionários realizaram curso pré-vestibular, sendo que sete em instituições públicas e seis delas em instituições particulares. Já a respeito da realização de cursos técnicos, tem-se dezessete, sendo que onze delas em instituições particulares.

Considerando o nível escolar e inserção profissional dos pais das respondentes, é perceptível que frequentemente os responsáveis que tiveram suas trajetórias acadêmicas interrompidas projetam a ascensão de seus filhos para que os ultrapassem e assim finalizem seus “projetos” escolares “por procuração” (BOURDIEU, 2012, p.588). Neste âmbito, os encorajamentos e estímulos para o êxito escolar se dão visando que seus filhos adquiram e compensem os limites de sua cultura escolar (BOURDIEU, 2007), como relatado em:

Eu lembro que às vezes tinha alguma coisa na igreja e eu queria ir, eu queria farra, eu queria brincar e zoar, mas na semana eu tinha prova na escola e minha mãe não deixava. Minha mãe: "Não, você tem prova na semana, você vai estudar". E eu ficava: "Mas mãe, é no final da semana..." E ela: "Não, você vai começar a estudar hoje, vamos embora, você tem que tirar uma nota boa para conseguir alguma coisa, não é ficar aqui nesse mundinho não, tem que crescer!". Minha mãe e meu pai sempre foram assim e eu deixava de ir para muitas coisas, para festinhas, um montão de coisa só para estudar. (Formada Conceição Evaristo)

Assim, o investimento feito por aqueles que devem sua posição atual ao capital cultural adquirido na escola ou que projetam neste ambiente a possibilidade de ampliar o capital dos seus filhos, pode ser percebido em diversos momentos ao longo dos questionários e entrevistas. Ou seja, dispositivos foram criados para garantir o acesso e permanência destas mulheres em tais ambientes, visando uma conversão de capital econômico em outros e a diferenciação que os títulos acadêmicos lhe possibilitariam ao compará-los com os demais agentes do campo (BOURDIEU, 2007).

4.3 “(...) por que eu não conseguia trabalhar numa boa escola?”: Percepção sobre os alunos formados e inserção no mercado de trabalho

Considerando que as relações e as representações simbólicas dentro do campo acadêmico se tornam aspectos fundamentais na construção das identidades e das noções de sucesso ou fracasso educacional, reconhecer-se na imagem daqueles que tem êxito no curso pode auxiliar na mobilização de dispositivos para permanência e pertencimento institucional (ALMEIDA, 2019; BOURDIEU, 2007, hooks, 2013). Ao indagar as participantes das entrevistas como percebiam o perfil dos formados no curso, foi observado que seis destacaram a diversidade formativa da instituição e cinco citaram que o curso forma mais pessoas negras, sendo que neste grupo, três ressaltaram que a maioria é feminina, com somente uma delas relacionando tal perfil com a vulnerabilidade financeira e quatro afirmando que a maioria formada é branca.

De acordo com hooks (2013) e Bourdieu (2007), a construção da identidade se dá a partir do olhar do outro e do espaço que os corpos ocupam nas dinâmicas relacionais, assim, visualizar no grupo que se forma características semelhantes às suas, possibilita que vejam o êxito acadêmico como uma possibilidade, como quando algumas alunas destacam seu ânimo com o perfil formativo que observam na instituição, como em:

Mas pelo que eu vejo, né? O que é até muito bom para mim, é que tem até uma quantidade legal de pessoas negras se formando lá, né? Pensando em pretos e pardos, é, no caso. É, tem uma quantidade assim, diferenciada, talvez seja a palavra que eu esteja procurando, de pessoas negras se formando lá. (Aluna Lélia González)

Outro ponto relevante se dá a respeito da importância da interiorização da Educação Superior, onde os Institutos Federais, além de estarem localizados em regiões com população de menor renda, vem reservando um quantitativo de vagas para os cursos de Licenciatura, aumentando a viabilidade para muitos estudantes de se inserirem nesta etapa de ensino dialogando com as condições de renda dos estudantes.

Ainda a respeito da realidade profissional, foi observado que a maioria das egressas negras do curso se inseriram em formações continuadas e as alunas em curso tem pretensão de seguir o mesmo caminho. Isso demonstra a problemática educacional também perpassa pela supervalorização do valor simbólico do certificado escolar, onde paralelamente ao aumento do acesso dos grupos antes marginalizados à determinados setores sociais, tem-

se uma busca cada vez maior por estratégias para preservar e mobilizar distinções (BOURDIEU, 2007). Ou seja, dialogam diretamente com o simbolismo, reconhecimento, lucro social que tais ações e ambições trarão no campo acadêmico.

Analisando a inserção docente das dezenove formadas, obteve-se que dezesseis delas estão trabalhando, sendo que treze em sua área de formação. Verificando mais cautelosamente como se dá a inserção delas em atividades ligadas às suas áreas de formação, das nove egressas que estão lecionando Química em instituições particulares de ensino, identifica-se que somente quatro possuem vínculo empregatício. Nesse ponto, cabe problematizar a necessidade de muitas se submeterem à informalidade para se inserirem profissionalmente em suas áreas, se sujeitando a situações precárias de trabalho, como visto, por exemplo, nos seguintes relatos das entrevistas:

Quando eu me formei eu não consegui arrumar emprego de cara, eu demorei muito para conseguir um emprego, muito. (...)Aí eu fui conseguir uma vaga num colégio particular em Caxias, só que a escola não pagava e nem dava dinheiro de passagem, a escola atrasava dois ou três meses o salário, era a única que estava me aceitando. Aí eu virei para minha mãe falei que ia e ela "Minha filha, você estudou tanto para não receber?" e eu falei "Mãe, todas as escolas grandes que eu consigo me cobram experiência, essa é a única que está me aceitando, eu vou e vou suportar, vou aturar lá pelo menos para ter experiência na carteira". (Formada Conceição Evaristo)

Fiquei muito frustrada, porque quando eu voltei, eu já tinha um currículo bom, eu tinha estudado fora, eu tinha um currículo bom, por que eu não conseguia trabalhar numa boa escola? Eu só conseguia a escola que ia me pagar o piso, sem a passagem, sem assinar a carteira e nem nada. Mas eu não estava trabalhando e precisava começar de algum lugar, então eu comecei nessas escolas e eu comecei a trabalhar com o Inglês Técnico, na verdade eu não comecei com Química. (...)Então isso para mim era muito frustrante, porque eu ficava o dia inteiro, pegava oito horas da manhã e largava às seis horas da tarde e não tinha horário de almoço, tinha quinze minutos de almoço, que era impossível de eu arrumar algum lugar para comer no centro de Caxias. E aí tinha dias que eu chorava porque eu pensava "Eu estudei tanto, tanto, tanto, por que eu não consigo uma oportunidade?". Eu mandava currículo para tudo que a escola que abria e não me chamavam e isso foi me afastando. (Formada Angela Davis)

Os dados obtidos nos questionários, associados aos relatos das formadas entrevistadas que tem como ponto de culminância a dificuldade na entrada do mercado de trabalho ou a inserção a partir da indicação de um amigo ou parente, mostram que por diversas vezes os alunos provenientes de famílias com menor volume de capital cultural,

social e econômico, ao fim de uma longa jornada de sacrifícios, tem um diploma que por si só não é valorizado o suficiente a ponto de inseri-los no mercado de trabalho como almejavam inicialmente (BOURDIEU, 2007). Para muitas, isto pode inclusive por um tempo representar uma decepção diante dos insucessos nas recorrentes tentativas de inserção profissional e da desvalorização do valor simbólico do certificado escolar.

Continuando a discussão a respeito da inserção profissional, ao questionar as formadas e licenciandas a respeito das possibilidades de trabalho que o curso oferece, todas destacaram imediatamente a docência e foi observado uma grande similaridade entre as respostas dadas pelas participantes, o que demonstra que as estudantes participantes já possuem uma compreensão das possibilidades da profissão e do mercado. Os relatos das alunas demonstram inclusive que, a partir do contato que tem com aqueles que se formaram no curso, mecanismos para inserção no mercado de trabalho já vêm sendo pensados por elas, o que reitera como as condições estruturais permeiam a construção da identidade da mulher negra e orientam, ainda que subjetivamente, sua tomada de decisão visando superar as dificuldades que encontram no campo que estão inseridas (BOURDIEU, 2007; hooks, 2013).

5. Considerações finais

Ao longo desta pesquisa foi percebido a importância de visualizar os limites da democratização do ensino, iluminando as possíveis articulações de classe, gênero e raça para marginalização de certos grupos sociais. Ao verificar, por exemplo, a inserção das mulheres negras no curso de Licenciatura em Química do IFRJ – campus Duque de Caxias, foi perceptível que para muitas se deu a partir de uma adequação entre aquilo que era mais alcançável e executável em termos de acesso, permanência e êxito. Estruturalmente, tais “escolhas” pelo curso vêm reforçando a subalternização destas mulheres negras. O mesmo pareceu se configurar no acesso ao mercado de trabalho, onde nas entrevistas foram relatadas dificuldades de algumas em se inserirem profissionalmente sem experiência e nos questionários foi apontado a informalidade de alguns vínculos empregatícios.

Foi visto também que muitas entrevistadas foram as primeiras gerações de suas famílias a entrarem num curso de nível superior. Associado a isso, observa-se nas famílias, a valorização e incentivo dessa trajetória. Frequentemente foi também destacado pelas participantes o quão importante é servir para que os parentes próximos visualizem o seu êxito no Ensino Superior como algo que também pode ser almejado por eles.

Outro ponto que merece destaque diz respeito à escolha metodológica deste estudo, que permitiu visualizar a lógica interseccional em que raça, classe e gênero constroem a posição das mulheres negras dentro do campo acadêmico.

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa foi perceptível que nem sempre as mulheres negras visualizam os mecanismos que mobilizaram e culminam nas suas escolhas e na construção dos gostos a partir das estruturas sociais em que estão inseridas, assim, o estudo das trajetórias acadêmicas e percepções das alunas e egressas do curso foi fundamental para entender melhor qual é o público que vem sendo formado na instituição e para iluminar a necessidade de superar o mito da democracia e igualdade racial e da igualdade de oportunidades.

Embora entenda que indiretamente, analisando as relações construídas no campo acadêmico, foi visualizado como a branquitude está posta a partir da identidade da negritude que se constitui, reforça-se a necessidade de um trabalho que dê continuidade e questione a tradição acadêmica branca e que ilumine os mecanismos que são mobilizados por ela para manter seus privilégios acadêmicos e sociais.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. (Coleção Feminismos Plurais - Coord. Djamila Ribeiro). São Paulo: Pólen, 2019.

BALBINO, F, R, B, et al. A participação das mulheres na ciência: um panorama do perfil das licenciandas ingressantes e egressas do IFRJ? campus Duque de Caxias. In: **Políticas e Práticas Educacionais: Dilemas e Proposições**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paco Editorial, 2019, p. 133-151.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 9. ed., Vozes: Petrópolis-RJ, 2012.

_____. **Escritos da Educação**. NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (orgs.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRITO, Murillo Marschner Alves de. Novas tendências ou velhas persistências? Modernização e expansão educacional no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v.47, n.163, jan/mar p.224-263, 2017.

DEVECHI, Catia. Piccolo Viero; TREVISAN, Amarildo Luiz. Sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação: positividade ou simples decadência?. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 43, p. 148-161, 2010.

GÓIS, João Bôsco Hora. Quando raça conta: um estudo de diferenças entre mulheres

brancas e negras no acesso e permanência no Ensino Superior. **Estudos Feministas**, v.16(3), n. 424, p. 743-768, set./dez. 2008.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. **Caderno de formação política do Circuito Palmarino**, n. 1, p. 12-20, 2011.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. (Tradução: Marcelo Cipolla). São Paulo: Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Sinopse Estatística da Educação Superior 2019**. Brasília: Inep, 2020. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>>. Acesso em: 03 mai. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. (Tradução: Jess Oliveira. Original de 2008). Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MICELI, Mariana Sant'Ana. **As cartas são jogadas muito cedo**: trajetórias universitárias de jovens provenientes das classes populares na Universidade Federal de Santa Catarina. 2016. 479 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. **Sociedade e cultura**, v. 4, n. 2, p. 31-43, 2001.

NOGUEIRA, Claudio. M. M.; NOGUEIRA, Maria Alice. Os herdeiros: fundamentos para uma sociologia do Ensino Superior. **Educação e Sociedade**, v. 36, n. 130, p. 47-62, jan./mar. 2015.

NÓVOA, Antônio. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, n. 47, p. 1106-1133, 2017.

SILVA, Lindomar Pinto; DIAS, Luciana Costa Freitas; SILVA, Janayna Souza. Ensino Superior, mobilidade social e dominação: uma análise à luz dos conceitos de Bourdieu e da teoria institucional. **RACE - Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, v. 14, n. 3, p. 1145-1174, nov. 2015.

VALENTIM, Daniella. F. D.; **Ex-alunos negros cotistas da UERJ**: os desacreditados e o sucesso acadêmico. Orientadora: CANDAU, Vera. M. F. 2012. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Notas

Artigo baseado em Tese de Doutorado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Sobre as autoras

Stephany Petronilho Heidelmann

Licenciada em Química pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro, mestre em Ensino de Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Docente de Química e Educação no departamento de Química Fundamental da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e no programa de Especialização em Ensino de Química na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Principais áreas de investigação: ensino de química, formação de professores, gênero e raça, diversidade no ensino. E-mail: stephanyph@ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7099-3947>.

Vera Maria Ferrão Candau

Doutora e Pós-Doutora em Educação pela Universidad Complutense de Madrid. Professora titular emérita da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Coordenadora do grupo de Pesquisas sobre Cotidiano, Educação e Cultura(s). Membro fundador da Anped e do grupo responsável pela criação do GT de Didática. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq durante 25 anos. Principais áreas de investigação: educação multi/intercultural, cotidiano escolar, didática, educação em/para os direitos humanos e formação de educadores/as. E-mail: vmfc@puc-rio.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6987-6885>

Recebido em: 15/08/2023

Aceito para publicação em: 02/11/2023